

**Topography of black cultural heritage in the city of Fortaleza, CE**

**Resumo:** O presente artigo discute a afrodescendência, o patrimônio cultural negro e formas de vida na Comunidade Rosalina, Fortaleza-CE. Objetiva-se explorar a relação dos moradores com o bairro, destacando sua história e cultura afrodescendente, bem como a presença da educação nos meandros das sociabilidades. O surgimento da Comunidade Rosalina é resultado do déficit imobiliário dos anos 1990 ocorrido na capital cearense, impulsionado pela especulação, recessão e desemprego, marcas profundas da política e da economia no Brasil naquela década. A ocupação de terrenos tornou-se crucial para as populações negras de Fortaleza e neste sentido, a moradia figura como uma conquista e patrimônio. Para esta pesquisa, foi utilizado como percurso metodológico a Metodologia Afrodescendente de Pesquisa e os percursos urbanos. Por fim, o texto enfatiza que a construção coletiva das moradias reflete a solidariedade comunitária, dando forma ao bairro e criando oportunidades.

**Palavras-chave:** Topografia. Patrimônio cultural negro. Comunidade Rosalina. Afrodescendência.

**Abstract:**

*This article discusses Afro-descendance, black cultural heritage, and ways of life in Rosalina Community, Fortaleza-CE. The aim is to explore the residents' relationship with the neighborhood, highlighting its Afro-descendant history and culture, as well as the presence of education within social dynamics. The emergence of Rosalina Community is a result of the real estate deficit of the 1990s in the capital of Ceará, driven by speculation, recession, and unemployment, profound marks of politics and economy in Brazil in that decade. Land occupation became crucial for black populations in Fortaleza, and in this sense, housing stands as a conquest and heritage. For this research, the Afro-descendant Research Methodology and urban paths were used as methodological approaches. Finally, the text emphasizes that the collective construction of housing reflects community solidarity, shaping the neighborhood and creating opportunities.*

**Keywords:** *Topography; Black cultural heritage; Rosalina Community; Afro-descendance.*

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor na EEMTI Desembargador Raimundo de Carvalho Lima. E-mail: tiagounifesp@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Este texto trata-se do fragmento de uma dissertação de mestrado defendida no ano de 2023 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Envereda pelos caminhos da afrodescendência, do patrimônio cultural negro e das formas de vida na Comunidade Rosalina, um bairro negro. Por patrimônio cultural negro, entende-se tudo que é material e imaterial, carregado de valores definidos pela sua própria população, à memória, história e cultura afrodescendente.

Como objetivo, este trabalho buscou compreender a relação dos moradores com o bairro, a partir dos elementos da história e da cultura negra, as formas de vida e de organização, e como a educação está presente no cotidiano dos moradores da Rosalina. A Comunidade Rosalina é um bairro negro que surgiu no início da década de 1990, entre os bairros Parque dois irmãos e Passaré, na Regional VIII da cidade de Fortaleza-CE.

O “fenômeno” de seu surgimento pode ser explicado pelo *déficit* imobiliário causado pela especulação ao longo da citada década. A este cenário, junta-se o déficit imobiliário, a recessão econômica e o alto índice de desemprego, marcas profundas dos primeiros anos da década de 1990 (NERI *et al.*, 2000). As políticas capitalistas-racistas deste período sublinham às populações negras da cidade de Fortaleza a ocupação de terrenos como única possibilidade de conquista da moradia.

Para a população negra, a questão da terra é central. Dito isso, a moradia é mais que um lugar em que a vida privada acontece, é uma conquista, um patrimônio. As moradias da comunidade foram erguidas em regime de coletividade, bem como a construção da estrutura mínima para que se possa habitar um terreno. Ao passo que se desenvolve, o bairro toma forma, materializa-se e cria possibilidades.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante o período colonial, o Brasil foi o destino de um número considerável de africanos que foram sequestrados de seus territórios de origem e isso resultou na perda de seu território físico devido a um longo processo de escravização criminosa que durou quase quatro séculos. Sobre este período, Kabengele Munanga observa que “os africanos e seus descendentes empreenderam a busca por territórios próprios” (MUNANGA, 2012, p. 17). Essa busca foi motivada pela necessidade de um espaço físico onde pudessem praticar sua religião e expressar sua cultura. Esses espaços são conhecidos como “territórios étnicos no contexto urbano brasileiro” (MUNANGA, Op. cit., p. 18).

Os locais onde as práticas religiosas relacionadas aos orixás, deuses e *inkisi*, assim como a cultura africana são realizados. Esses locais Anjos descreve como “identidades territorializadas resistentes-sobreviventes” (ANJOS, 2014, p. 333). Nesse contexto, adotamos a definição de território de Milton Santos, que o considera como o “local onde convergem todas as ações, paixões, poderes, forças, fraquezas, ou seja, onde a história humana se desenrola plenamente através das manifestações de sua existência” (SANTOS, 1999, p. 7).

Nesse mesmo sentido, Rafael Sanzio conceitua o que ele chama de “território étnico ou de população negra” como o espaço que é construído e materializado com base nas referências de identidade e pertencimento territorial, geralmente com uma população que compartilha uma origem comum (ANJOS, 2009). A comunidade de Rosalina é um produto das forças econômicas e políticas que muitas vezes não consideram os interesses da população local. A área da cidade em que a comunidade está localizada, ao contrário de outras partes da cidade de Fortaleza, onde a maioria da população é de não negros, não foi resultado de um planejamento urbano adequado e carece de investimentos públicos em tecnologia e infraestrutura.

O processo de marginalização da população afrodescendente, que os exclui dos benefícios dos investimentos públicos, é conceituado por Milton Santos como “localizações forçadas” (Santos 1999). Essas localizações forçadas resultam em disparidades econômicas territoriais e contribuem para o aumento da pobreza urbana. Como resultado, a população afrodescendente que reside em bairros predominantemente negros é afetada por políticas que perpetuam a desigualdade econômica.

## 3. COMUNIDADE ROSALINA: PATRIMÔNIO CULTURAL NEGRO

A autorrepresentação tem a ver com o ato de projetar-se, ser autor da sua própria representação, estender a sua própria imagem em algo físico, material e cuja origem remete à história e cultura do seu próprio criador. Torna-se um ato político a preservação do patrimônio cultural bairro negro porque são vistos como paisagens que mancham a cidade, quase sempre atacados, sob a justificativa de que é um ambiente inóspito, que deveria ser transformado em uma praça da juventude, ou memorial ou mesmo um conjunto habitacional.

Todos esses espaços públicos, como as ruas, as lojas e o campo, representam os locais onde a vida na comunidade de Rosalina se desenrola. Isso ocorre porque, como afirmado por Damião (2007, p. 47), “a vida se concretiza em um tempo e espaço coletivo, no qual as pessoas que participam das práticas so-

ciais e culturais atribuem significados às dinâmicas que ocorrem em um lugar específico e momento determinado."

De acordo com Sodré (2002, p. 17), "pelo modo como as sociedades se estabelecem e se organizam no espaço, sejam elas consideradas 'arcaicas' ou 'históricas', elas se singularizam, revelando o que é verdadeiramente real." Para Sodré, o "real" refere-se ao "existente enquanto singular, único e incomparável" (idem, 1988, p. 11). Cada habitante da comunidade contribui para a cultura local, estabelecendo conexões e dinamizando a vida no local. Eles geram conhecimento e desenvolvem estratégias de sobrevivência diante das realidades impostas por um grupo de pessoas com origens diferentes daquelas dos moradores de Rosalina.

As vielas, as ruas e os recantos na comunidade de Rosalina são manifestações de transformações urbanas que refletem a vida coletiva na comunidade. Nessa perspectiva, Maria Estela Ramos destaca que "a casa e a rua não são elementos opostos, mas sim complementares" (RAMOS; CUNHA JR., 2007, p. 12). Essa estrutura se assemelha ao conceito de "kraal africano" descrito por Sommer em sua tese de doutorado defendida em 2005 (SOMMER, 2005). O kraal é uma estrutura tradicionalmente empregada por diversas culturas africanas, caracterizada por ser um espaço de convívio e colaboração entre os membros da comunidade. Na realidade africana, o kraal representa uma forma de vida comunitária, onde as relações interpessoais e a colaboração são fundamentais para a organização e o convívio.

O patrimônio cultural afrodescendente é notavelmente subestimado nos estudos relacionados aos bairros de predominância negra nas cidades brasileiras. Essa negligência talvez seja atribuída ao fato de que os patrimônios culturalmente significativos para a maioria da população nacional são predominantemente associados aos símbolos de interesse da história oficial do país, que foi predominantemente escrita por grupos dominantes. Consequentemente, o mesmo grupo social que seleciona e valoriza esses patrimônios muitas vezes desconsidera os valores culturais, históricos e identitários dos bairros negros, bem como seu conjunto patrimonial, que é moldado pela contribuição dos afrodescendentes que ali vivem. Nas palavras de Piedade Videira, o patrimônio cultural "é o que nos conecta à nossa própria história, aquilo que aprendemos e celebramos como um valor social" (VIDEIRA, 2010, p. 242).

As moradias, por sua vez, constituem nosso patrimônio. Elas abrigam as trajetórias de vida afrodescendentes, que se materializam na conquista e no orgulho de possuir uma residência. O afeto e a relação afetiva com o bairro negro começam nas imediações desse bairro. Independentemente de onde uma casa

esteja localizada dentro do bairro, o sentimento de estar em casa é evocado ao chegar nas proximidades do bairro. Isso explica a relação íntima que temos com as ruas, que são percebidas como extensões de nossas moradias não apenas geograficamente, mas também afetivamente: nos sentimos em casa, mesmo quando estamos na rua.

O reconhecimento oficial do patrimônio cultural requer não apenas a aprovação da população local que mantém uma relação direta com ele, mas também a validação por parte de órgãos governamentais competentes. A falta de reconhecimento dos valores atribuídos aos bairros de predominância negra cria um campo de conflito entre a elite dominante, que detém o poder de outorgar o status de patrimônio, e aqueles que são desprovidos dessa autorização. Estes últimos, porém, são os verdadeiros guardiões dos valores associados a seus patrimônios, preservando-os de maneira contínua.

A comunidade de Rosalina é um exemplo de patrimônio cultural afrodescendente que ainda não foi oficialmente reconhecido. No entanto, ela é mantida e preservada com orgulho por sua própria população, que atribui valor aos espaços de convivência e à dinâmica cotidiana do bairro. Esse sentimento de pertencimento à história de Rosalina unifica a comunidade e contribui para a formação das identidades coletivas e individuais. Para a população afrodescendente, a comunidade de Rosalina é tão significativa quanto o monumento às bandeiras é para os eurodescendentes.

A Associação comunitária, é um espaço de grande valor simbólico e cultural. Funciona como um local de convivência, onde são ministrados cursos, realizadas atividades esportivas e de lazer, bem como festas e celebrações em datas especiais. A Associação representa uma conquista da comunidade e foi oficialmente registrada, tendo sua fundação ocorrido no ano seguinte à significativa ocupação da área, que ocorreu em 7 de julho de 1996.

Os espaços são constituídos de valores e estes são ensinados aos mais novos, que aprendem, com os mais velhos, a história do local, bem como os valores patrimoniais da comunidade. Essa é "a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações" (MUNANGA, 2009, p. 13). O campo do palito, a casa do dono do time de futebol, a Associação, a casa do mestre de capoeira, confere espaços de valor para a população negra residente na comunidade e formam, assim como os demais espaços não apontados, e os costumes, as vivências e os processos culturais, educativos e de sociabilidades acontecidos no bairro o patrimônio cultural da população negra da Comunidade Rosalina.

As relações de compadrio e vizinhança, nesse sentido, atuam em um sistema de ajuda mútua e compartilhamento de bens materiais. Os meios de transportes particulares, o cuidar das crianças do bairro, o compartilhamento de comida e panelas entre as redes são estratégias que delineiam uma forma de vida em comunidade. Ao longo dos percursos urbanos, tive a oportunidade de dialogar com moradores e ex-moradores da comunidade Rosalina.

A primeira ex-moradora a contribuir com as memórias e as histórias da comunidade tem 56 anos, é dona de casa e reside atualmente no bairro Serrinha e será aqui chamada de Império Mali. Viveu por 9 anos na comunidade Rosalina. Tem 4 filhos, sendo que 2 deles compartilharam o cotidiano na Rosalina comigo e estiveram presentes no momento de socialização das memórias durante a entrevista. O primeiro deles é homem, tem 30 anos, está desempregado e residiu na comunidade por 9 anos e será chamado de Angola. Já a outra, é uma mulher de 32 anos, dona de casa e residiu na comunidade por 10 anos e aqui será chamada de Somália.

Para que o momento acontecesse, me coloquei à disposição da chefe de família, que me pediu para ir na casa dela em um domingo às 09h da manhã, pois nesse momento, segundo ela, é mais tranquilo para ela. E assim o fiz. Fui recebido em sua casa, que fica em cima de outra casa térrea. A casa de baixo é da mãe dela. Lembro-me das datas comemorativas e das festas que aconteciam lá. Minha mãe sempre foi convidada.

No momento da reunião, que aconteceu na sala da casa, havia 9 pessoas: Império Mali com seus 4 filhos, o marido de uma das filhas vendo TV e 5 netos brincando, todos no mesmo espaço. Alguns momentos da conversa ficaram inaudíveis, devido a quantidade de pessoas e sons ao mesmo tempo. Naquele momento, percebi que não seria possível dialogar apenas com a chefe de família, pois todos da família estavam me esperando para contar suas histórias, além disso, o único espaço disponível na moradia era aquela sala, além dos 2 quartos e da cozinha onde estava sendo preparado o almoço daquele dia.

Comecei a conversa perguntando por que ela havia saído da comunidade para morar em outro bairro. Ela afirmou que todas as chefes de família que ela tinha algum tipo de relação estavam saindo da comunidade para morar em outros bairros. A primeira delas a sair tinha sido minha mãe e isso causou nela um desgosto por viver ali:

Pq eu desgostei de lá. Desgostei do lugar, todo mundo saindo e indo embora e lá era uma [inaudível] todo mundo só e eu tava com medo de morar ali sozinha. Ai tive briga com o pai deles, a gente se separou, aí aumentou mais ainda o desgosto de ficar lá. Aí era confusão e eu peguei e vim embora (para a casa da minha mãe na Serrinha)" (IMPÉRIO

MALI, durante percurso urbano, em 11/2021).

Os laços de compadrio e sua rede estavam sendo desfeita com a saída dessas mulheres, o que tornou mais frágil sua relação com a comunidade. Apesar de outras famílias viverem na comunidade, o "medo de morar sozinha" não se refere ao esvaziamento da comunidade como um todo, mas sim ao seu círculo afetivo construído no dia a dia com a vizinhança que foi se desfazendo devido às dinâmicas das vidas dessas pessoas que por outros motivos tiveram que sair dali.

Os nomes citados por ela durante o relato de experiência referem-se ao nome de 5 mulheres chefes de família que residiam na vizinhança e faziam parte do círculo de afetividade dela. Dessas, 4 tiveram que voltar para as casas das suas famílias (geralmente casa de mãe ou irmã fora da comunidade, como é o caso da minha mãe) e 1 foi presa e após cumprir pena voltou para a casa de sua mãe em outro bairro. Quando relembra da vizinhança, Império Mali evidencia uma das formas que essas estratégias tomava:

A tua mãe e eu sempre dividia as comida [...] a gente era muito unida, ninguém brigava com ninguém ali. Quando ela [a minha mãe] tava sem nada ela vinha e me pedia alguma coisa e eu dava mesmo. Ajudava ela. Quando ela recebia o dinheiro dela, ela me ajudava [...] era só entre nós duas mesmo, não pedia a outras pessoas não, por causa da vergonha, ne?! (IMPÉRIO MALI, durante percurso urbano, em 11/2021).

Em minha pesquisa realizada no âmbito do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, investiguei em perspectiva histórica as condições de vida da população negra residente na comunidade Rosalina e, dentre as conclusões, eu aponto que nós não queremos sair da comunidade, não queremos abandonar a Rosalina e ir morar em outro bairro, queremos que a comunidade se desenvolva e nós possamos morar com dignidade na moradia que conquistamos.

No percurso urbano realizado com os ex-moradores da comunidade, registrei momentos em que o afeto pela moradia conquistada era evidente. Império Mali, ao ver imagens antigas do seu quintal no álbum de fotos disse: "Olha o meu quintal, Tiago, era bem verdinho! Tinha pé de acerola, tinha tudo. Meu quintal era bonito, eu gostava tanto do meu pé de acerola". Sua fala evidencia o afeto que tinha com suas plantas, com seu quintal ao mesmo tempo que se estabelece uma tristeza no olhar da ex-moradora ao lembrar daqueles momentos, ao passo que ela se permite ficar por alguns minutos olhando cada detalhe da fotografia, um registro de sua memória afetiva pelo bairro.

Sua filha, Somália, na mesma situação, vendo imagens atualizadas da areninha do campo do Palito fala do seu arrependimento por ter saído da comunidade

após perceber as mudanças positivas na estrutura do campo de futebol disse: "Olha aí mãe, não era pra senhora ter vendido a casa. Se eu soubesse que ia melhorar assim eu não tinha nem vindo embora de lá." Nossa relação afetiva com o bairro o torna nosso patrimônio, aquilo que é coletivo, de construção e conquista coletiva.

Durante o diálogo me chamou atenção essas saídas das chefes de família da comunidade. A explicação para este fato perpassa por um dado histórico da comunidade que é a instalação de quadros de energia realizado pela empresa estatal de fornecimento de energia elétrica COELCE em residências da comunidade, ao longo dos anos de 2004 e 2005: "O que acabou com a Rosalina foi só aqueles postes, sabia? Aqueles postes de luz [...] Antes de botar os postes era tudo iluminado e tal, mas aí quando botaram os postes acabou tudo. Aquela rua onde a gente morava, escuridão total." Conta Angola, filho da chefe de família Império Mali, enquanto sua irmã, Somália, continua a conversa contando os altos valores das primeiras contas de energia que receberam: "A primeira vez veio R\$180 reais, aí no outro mês já veio R \$300 reais. A da vizinha, veio R \$500 reais." (Somália)

É nítido que o descompasso dos valores cobrados pelo fornecimento de energia contribuiu para os avanços das dificuldades daquela população negra no bairro:

As contas vinham alta, os comerciantes diziam assim: armaria, as contas vem mais alta [inaudível] nem vendendo o bar dá pra pagar umas contas dessa. Aí como o povo num pagou, tavam cortando. Aí quando começou a cortar a gente colocou os gatos (gambiarra) de novo [...] "quem tinha filho pequeno para dar de comer e ia pagar conta alta? A gente quis [que instalassem a energia] pensando que vinha numa boa pra gente [...] Só colocando os postes e aí a gente achou bom, vai ter energia! Quando veio as contas é que vimos lo quanto foi ruim essa mudança (IMPÉRIO MALI, durante percurso urbano, em 11/2021).

Não somente os moradores, mas também os comerciantes de dentro da comunidade passaram a sentir dificuldades financeiras tendo que recorrer novamente a outras estratégias para garantir o fornecimento de energia:

Eles cortaram lá em cima E não botaram mais energia. Aí o que o pessoal fizeram, ficaram puxando do poste original mesmo, lá de cima. Porque o pessoal não pagava né. Aí puxaram, e foi dando um para o outro, um para o outro, até chegar na nossa casa e a gente ter energia de novo. Era tanto fio, meu Deus do céu! Ninguém tinha condições de pagar. Naque-la época o bujão era 30 reais e a conta de energia vinha 170. Era um salário mínimo." (Somália).

Ao conversar com Zimbabwe, outro morador antigo da comunidade e dono de um comércio, ele conta sobre o mesmo período:

"Cara, melhorou assim, né?! Por que a energia não faltou mais. Não teve mais queda de energia. Mas em compensação, no início os papel [da conta de energia] veio muito alto. [...] Por isso que hoje aí dentro 90% é no gato, 90% aí dentro da Rosalina hoje é gato. [...] Por exemplo, não pagava, né? porque era gato. Aí depois que colocaram os postes e começou a vim muito alto e as pessoas não tinham condições de pagar, bixo! As casas tudo de taipa, casa caindo, de papelão, de tudo quanto era jeito e aí hoje é do jeito que é. (ZIMBABWE, durante percurso urbano em 12/2022)".

Noto que esse fato cruza as histórias de vida de pessoas da comunidade Rosalina. Em meio a muitas histórias de sua vida dentro da comunidade, tocou no assunto da energia elétrica e como foi se desenvolvendo o fornecimento de energia dentro do bairro. Nesse momento perguntei a ele se havia melhorado após a chegada da empresa na comunidade. Observei que em sua resposta, existem muitas semelhanças com a resposta dada durante o percurso urbano com Império Mali, em relação ao mesmo tema e período. Outras pessoas como Axum e Songhai, moradores antigos da comunidade também inseriram em suas histórias de vida esse fato.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar dimensões importantes da comunidade Rosalina enquanto patrimônio cultural da população negra que nela habita. Para isso, foi importante mensurar o cotidiano da comunidade por meio de percursos urbanos e histórias de vida. Nota-se que o a-a-dia da comunidade é ditado a partir da solidariedade e do sentimento de comunidade. Na história da comunidade, reside a construção coletiva do espaço. Hoje em dia existem questões importantes relacionadas à partilha da água, do espaço e da energia elétrica, estrutura construída e gerida pelos próprios moradores.

A Comunidade Rosalina é um bairro negro da cidade de Fortaleza que surgiu no início da década de 1990. Em sua gênese repousa alguns aspectos importantes para entender a dinâmica social, dentre eles, a solidariedade. O sentimento de trabalhar em comunidade é uma dimensão do cotidiano presente dentro da comunidade que delinea os aspectos principais da construção dele mesmo como patrimônio cultural negro.

O patrimônio é avesso ao individualismo, o patrimônio não permite a unidade na representação ainda que cada patrimônio tem em seu aspecto a singularidade. Construída coletivamente, a comunidade Rosalina hoje é um patrimônio cultural da população local. Cada indivíduo a tem como conquista. A moradia, unidade dentro da diversidade que constitui o bairro, é uma conquista.

O bairro negro Rosalina é a autorrepresentação da

cultura negra na cidade, uma forma urbana negra afrodescendente da capital cearense. O patrimônio cultural negro abrange aspectos materiais e imateriais que são carregados de valores atribuídos pela própria população afrodescendente à sua memória, história e cultura. O objetivo foi compreender a relação dos moradores com o bairro, destacando elementos da história e da cultura negra, as formas de vida, organização e a presença da educação no cotidiano.

## REFERÊNCIAS

---

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Territórios étnicos: espaço dos quilombos no Brasil. *In*: SANTOS, Renato Emerson dos (org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais**: O negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009 (Coleção Cultura Negra e Identidade), 2. ed. 203 p.

CAMARGO, J. P.; NERI, M.; REIS, M. Mercado de trabalho nos anos 90: fatos estilizados e interpretações. **Brasília: IPEA**, 2000.

DAMIÃO, Flávia de Jesus. **Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do Retiro**. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.

MUNANGA, Kabengele; Território e territorialidade como fatores constitutivos das identidades comunitárias no Brasil: caso das comunidades quilombolas. *In*: NOGUEIRA, João Carlos; NASCIMENTO, Tânia Tomázia do (org.). **Patrimônio Cultural**: Territórios e identidades. Florianópolis: Atilênde, 2012, p. 15-21.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude-Nova Edição: Usos e sentidos**. Autêntica Editora, 2009.

RAMOS Maria Estela Rocha e CUNHA Jr., Henrique. (org.) **Espaço Urbano e afrodescendência**: Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: UFC Edições, 2007.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. **GEOgraphia**, 1(1), pp. 7-13, 1999 <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13360>.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago ed. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002. (Bahia: prosa e poesia), 184 p.

SOMMER, Michelle Farias. Territorialidade negra urbana a morfologia sócio-espacial dos núcleos negros urbanos segundo a herança histórica comum. 2005.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques e ladainha**: a cultura do quilombo do Cria-u em Macapá e sua educação. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.